

PAISAGENS E PROBLEMAS RURAIS DA REGIÃO DE SANTA ISABEL

AZIZ NACIB AB'SÁBER

Em tôrno da grande metrópole paulista existem certas áreas tipicamente rurais, que vivem mais ou menos à margem, mantendo fracas relações com a Capital do Estado, apesar de pequena distância que desta as separa. Neste caso encontra-se a região de Santa Isabel, situada a NE da cidade de São Paulo, em terras que contém o divisor das bacias do Tietê e do Paraíba do Sul.

O prof. AZIZ NACIB AB'SÁBER, sócio efetivo da A.G.B., professor de Geografia Física na Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae" da Universidade Católica e auxiliar técnico do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, ofereceu, em janeiro de 1951, à VIa. Assembléia Geral Ordinária da A.G.B., reunida em Nova-Friburgo, um estudo geográfico a respeito da região de Santa Isabel, que deverá figurar em seus "Anais". O que vamos aqui transcrever é, apenas, uma parte deste trabalho.

Introdução. — De há muito foi pôsto em evidência a pobreza dos solos e a incapacidade de desenvolvimento da maior parte das regiões de morros e outeiros cristalinos que circundam a área urbana e suburbana da capital paulista.

É costume dizer-se que o mais completo "jéca" do país é o que se encontra a apenas algumas dezenas de quilômetros da cidade de São Paulo. Para comprovar tal fato, não raro é lembrado o caso dos colonos alemães do "sertão" de Santo Amaro que, em contato prolongado com os costumes da gente do lugar e, frente a infertilidade do solo regional e a segregação, foram inteiramente assimilados, adquirindo a maior parte da bagagem cultural cabocla.

Na realidade, exceção feita para os primeiros tempos da colonização, a região de São Paulo comportou-se sempre como uma área de solos pobres, de fraco rendimento econômico; fato válido tanto para suas áreas sedimentares pliocênicas e holocênicas, como para o quadro de maciços antigos que a envolvem.

Caio Prado Júnior (1), examinando o quadro geográfico dos arredores da capital, demonstrou que a cidade não ficou devendo quase nada de seu excepcional desenvolvimento às áreas econômicas próximas que a rodeiam. São de sua lavra as seguintes observações: "Num raio de muitas dezenas de quilômetros é quase um deserto que se estende em volta da cidade; deserto pontilhado apenas por estas pequenas vilas e miseráveis povoados que são Guarulhos, São Miguel, Barueri, Cotia, M'boi, Itapeverica, etc.; ou onde apenas se esboça uma vida que o poderoso influxo da própria aglomeração paulista não podia deixar de provocar. A influência não vai aí de fora para dentro, mas em sentido contrário, da cidade para a região que a circunda". De 1941, para os nossos dias, modificações diversas se processaram nesse esquema descrito pelo pesquisador Caio Prado Júnior. O corpo principal de suas observações, porém, continua perfeitamente válido.

No presente trabalho, estudaremos as paisagens e os principais problemas rurais de uma região *serrana* situada entre 40 e 80 quilômetros da capital paulista, na direção de nordeste, correspondendo a terras do município de Santa Isabel.

A região de Santa Isabel, apesar de pertencer, em grande parte, à bacia hidrográfica do médio vale superior do Paraíba, possuindo solos em geral um tanto superiores aos da vertente do Tietê, — sintetiza bem alguns dos problemas básicos desse grupo de pequenas regiões da zona cristalina, de relevo serrano, distante apenas meia centena de quilômetros da capital paulista. Não tendo visto passar por suas terras os trilhos da atual "Central do Brasil", não foi servida também pela rodovia São Paulo-Rio, nem pela energia elétrica da "Light and Power" ou pelo Telégrafo Nacional. Desta forma, embora situada às portas da cidade de São Paulo, numa zona que é como que um prolongamento natural dos subúrbios orientais da capital, restou na mais completa estagnação e segregação até os fins do primeiro quartel do presente século. O café passou pelo seu território timidamente no século passado, deixando espaço, depois, a capoeiras e pastos, assim como, dando oportunidade para a restauração dos processos clássicos de culturas itinerantes, do grupo mais simples das plantações caboclas brasileiras (milho, feijão, mandioca). Pequenos canaviais e rústicas engenhocas para a fabricação de aguardente, entretanto, resistiram a todas as transformações econômicas, permanecendo na paisagem e nos quadros da vida econômica regional. Por último, a extraordinária procura de carvão vegetal por parte da metrópole, excessivamente próxima, foi capaz de transformar ainda mais o ritmo da vida rural regional.

(1) *Nova contribuição para o estudo geográfico da cidade de São Paulo.* — Em "Estudos Brasileiros", ano III, vol. 7, n.ºs. 19-20-21 — Rio de Janeiro 1941.

Antes de 1925, os lotes de tropas gastavam três dias para atingir a cidade de São Paulo, transportando a modesta produção de cereais e aguardente de Santa Isabel. A população urbana e rural era quase que inteiramente nacional e local, não havendo, até então, elementos adventícios provindos do sul de Minas, e, muito menos, japoneses, sírios ou italianos. A segregação relativamente grande a que fôra relegada a região tinha sido a principal responsável por êsse quadro.

A construção da rodovia São Paulo-Iguaratá, em 1925, influiu profundamente na vida da região de Santa Isabel. Daí, nos últimos anos, com o advento dêsses elementos novos, que foram o caminhão, a "jardineira" e o automóvel (ocasionando notável redução das distâncias e intensificando as comunicações com a capital), não se ter feito esperar uma série de modificações estruturais, que atingiram todos os setores da vida rural e urbana regional.

O presente estudo pretende sumariar os principais traços das paisagens rurais atuais da região de Santa Isabel, assim como auscultar os problemas básicos de sua economia agrária. O critério de feitura do trabalho obedeceu o método da *descrição explicativa* das paisagens rurais observadas, tendo como ponto de partida uma área dos arredores da pequena vila de Itaquaquecetuba, um dos extremos dos subúrbios orientais da capital paulista, não pertencente aos quadros administrativos do município de Santa Isabel.

Paisagens rurais do município de Santa Isabel, na vertente do Tietê. — Quem viaja de Itaquaquecetuba para Santa Isabel, após ter atravessado o relêvo das colinas tabulares suavizadas da bacia sedimentar paulistana e as várzeas do Tietê, penetra numa região de outeiros e morros baixos esculpidos em granitos fortemente decompostos.

Por alguns detalhes da linha de horizonte percebe-se que, daí por diante, o relêvo está longe de ter aquela grande retilinização de tôpos observável ao sul e sudoeste de Itaquaquecetuba. Com efeito, à medida que se penetra nos terrenos da margem direita do Tietê, na região, desaparecem rapidamente as formas relativamente aplainadas, tão típicas dos espigões tabulares suavizados do chamado *terciário* paulistano. Os outeiros e morros baixos, que se sucedem na nova região, raramente ultrapassam a cota dos 800 m; enquanto que as baixadas, entulhadas por depósitos recentes do vale do ribeiro Perová, nunca estão abaixo de 730-735 m. (fotos n.ºs. 1 e 2). Note-se que essas várzeas, por assim dizer secundárias em relação às grandes planícies do Tietê, são muito mais enchutas e estreitas (200 a 300 m de largura), constituindo áreas excelentes para certos tipos de atividades agrícolas. Quem soube compreender bem êsse fato, aliás, foram os japoneses que, de Itaquaquecetuba, Mogí das Cruzes

e Itaquera, marcharam progressivamente em direção a Arará, arrendando ou comprando pequenas porções de terra e transformando localmente a paisagem das várzeas e encostas suaves de alguns morros graníticos e gnaissicos da região (foto n.º 2).

A ocupação do solo é bastante variada ao longo do trecho de rodovia que une Itaquá. Sucodem-se, a princípio, várzeas abandonadas, recobertas por brejos e capoeiras raquíticas. Capoeiras ralas revestem os outeiros cristalinos. Logo, porém, acentuam-se os traços de ocupação dos solos, através do aparecimento de sítios, granjas com aviários, floriculturas, olarias, vendas de beira-de-estrada e fazendolas. Entre Arará e Itaquá, contamos uma dezena de pequenas vendas, contando com prédios das mais diferentes formas de construção. Notamos, ainda, a presença de meia-dúzia de olarias, agrupadas em certo trecho da várzea, marginando a estrada. Por outro lado, já se fazem notar, na região, algumas casas de campo e sítios de recreio.

Por grandes trechos, as capoeiras dos outeiros cristalinos passam a dar lugar a bosques de eucaliptos. As próprias seções da várzea, ainda não inteiramente ocupadas por atividades mais rendosas, sofreram a invasão dos eucaliptais, ali plantados, predominantemente, para a obtenção de lenha. A sombra dos pequenos bosques de eucaliptos, vêem-se habitações e pequenos sítios.

Apesar da relativa ocupação dos solos regionais, é digno de nota o fato do povoamento se achar muito ligado à estrada. O pequeno vale favorecido pela presença da rodovia é uma exceção no conjunto das paisagens regionais, porque, de resto, os outros vales, morros e encostas suaves permanecem recobertos por capoeiras e vastos eucaliptais.

Na região, as paisagens rurais que mais se destacam pelo arranjo e cuidados de técnica agrária que refletem, são as que estão ligadas aos colonos japoneses. Algumas dezenas de famílias japonesas ali trabalham, empregando seus métodos de agricultura intensiva e horticultura e criando paisagens especiais. Lembramos que os quadros de paisagens desenvolvidos pelos meticolosos agricultores orientais cobrem áreas restritas da região, destacando-se tão somente pela capacidade produtiva e meticolosidade de técnicas utilizadas. Por outro lado, tratam-se de colonos experientes e conscientes, que praticam agricultura comercializada, aproveitando-se da proximidade da metrópole e da facilidade de transportes para os centros de consumo próximo. Dedicaremos algumas observações especiais aos colonos japoneses que residem nas diversas áreas do município de Santa Isabel, afim de analisar as razões de seu sucesso econômico e as consequências de seu trabalho para com a região.

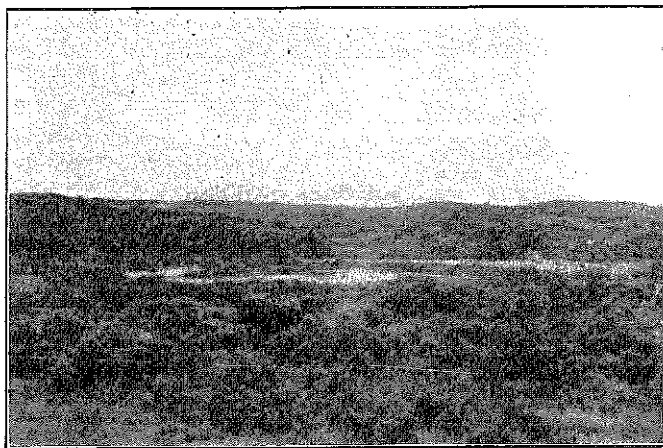


Foto n.º 1.

O vale do Perová, nas proximidades de Itaquaquecetuba. Zona de várzeas e encostas abandonadas, recobertas de capoeiras e matas raquíticas. — Notam-se três níveis no relevo: o da várzeas (730 m); o dos outeiros interfluviais (800 m); e o dos esgalhos um tanto isolados da Cantareira (1.000-1.1000 m). (Foto do autor — Jan.º de 1951).

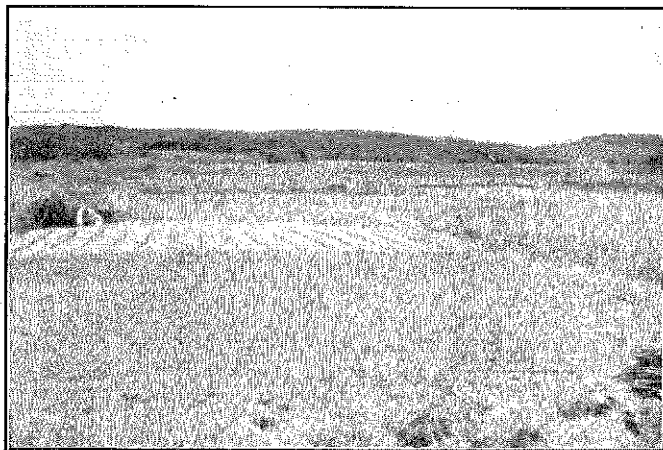


Foto n.º 2.

A ocupação dos solos pelos japoneses no vale do Perová. Horticultura caprichosa, substituindo a paisagem desoladora das antigas várzeas abandonadas da região. Emprego do arado e de adubos animais e minerais. Agricultura intensiva e comercializada para atender às necessidades da capital. Encostas não ocupadas. (Foto do autor. — Jan.º de 1951).

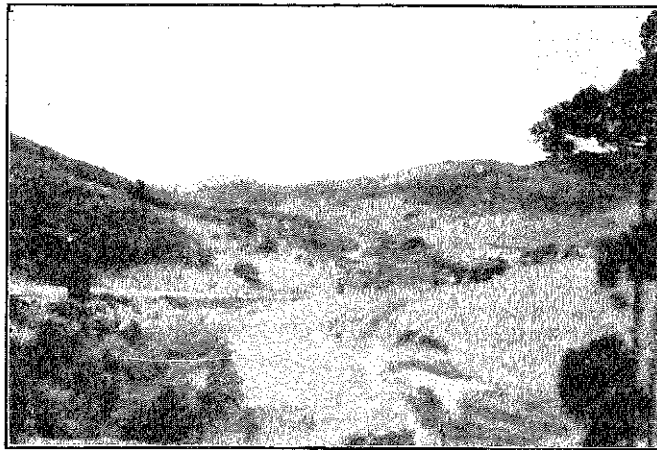


Foto n.º 3.

Alto vale do Tevó, no divisor d'águas Paraíba-Tietê (820 m). Zona de relevo muito mais movimentado que a vertente do Tietê na região. Área de invernadas restritas e velhas fazendas roje transformadas em núcleos de exploração de lenha e carvão. O vale do Tevó é a via de passagem natural para a circulação entre Arujá e Santa Isabel. Ao longo do vale todo vêem-se ombros de erosão, 10 a 15 m acima do leito encachoeirado do ribeirão, que ali corre. Região de terrenos graníticos. (Foto do autor. — Jan.º de 1951).

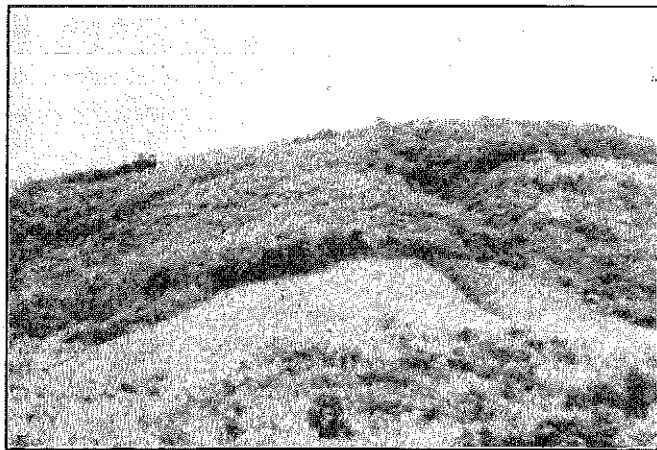


Foto n.º 4.

Culturas caboclas nas proximidades do morro do Retiro. As quadras irregulares de milho e mandioca foram plantadas nas encostas baixas dos morros; enquanto que por todos os lados imperam matas em reconstrução. Tratam-se de culturas tipicamente itinerantes, destinadas à utilização local. (Foto do autor. — Jan.º de 1951).

Pode-se ter como certa a transformação da área rural de Arujá em zona suburbana de São Paulo, em futuro bem próximo. Razões de sobra existem para que isso se processe. Duas vias de comunicações, das mais modernas e importantes do sudeste do país, vão cortar a região: a rodovia Presidente Dutra e a variante da "Central", que demandam o vale do Paraíba pela calha do Paratéf. Por outro lado, as companhias de terras e loteamento já iniciaram suas atividades na região, comprando terras e iniciando a venda de lotes (2).

A uns dois quilômetros de Arujá, nota-se uma progressiva movimentação do relêvo, anunciando os pontos extremos da vertente do Tietê. As formas um tanto senís, notadas nas proximidades do rio, cedem lugar a um relêvo de morros suaves, dotados de planícies aluviais alveolares, mais estreitas e menos contínuas. Trata-se de uma topografia amorreada, que, no caso, dentro do ciclo de evolução mais ou menos peculiar ao Brasil tropical atlântico, poderia ser tida como de maturidade final.

A rodovia Presidente Dutra corta a região, um quilômetro antes de Arujá, em um sítio bastante ingrato para o desenvolvimento de um futuro aglomerado. Foi necessário construir-se um viaduto, para a nova estrada, no cruzamento com a estrada de Itaqua — Santa Isabel. Tudo leva a crêr, porém, que o vilarejo de Arujá adquirirá uma nova estrutura urbana, marchando ao encontro da moderníssima via de circulação.

Transposto Arujá, grandes mudanças se processam na paisagem. Nos arredores da pequena vila aparecem invernadas e algum gado, voltando a dominar, para grandes áreas, eucaliptais e capoeiras. As propriedades de japoneses, assim como suas culturas, passam a ser de encostas, adquirindo maior expressão na paisagem. Algumas propriedades agrícolas pertencentes a nacionais chamam a atenção do viajante, demonstrando as transformações positivas por que a região vem passando nos últimos anos.

A passagem da bacia do Tietê para a do Paraíba é rápida e inesperada. Ao se transpôr um morro suave, penetra-se bruscamente numa outra área topográfica, onde as formas de relêvo são sensivelmente mais vigorosas, devido à maior capacidade de entalhamento demonstrando pela hidrografia e a existência de uma bossa de granitos porfiróides resistentes.

Paisagens rurais do município de Santa Isabel, na vertente do Paraíba. — Na região de Santa Isabel, o quadro de relêvo

(2) *Arujãzinho* é fruto desse desenvolvimento suburbano recente. Nasceu a menos de 2 km antes de Arujá, estando em plena fase de venda de lotes. Nesta área, bonitas casas de campo já começam a aparecer.

típico das regiões serranas do vale do Paraíba está presente na paisagem, desde o ponto em que o divisor d'águas é transposto. Sucodem-se morros de flancos arredondados, conformando uma topografia movimentada e maciça, denotando aspectos de maturidade média em relação ao ciclo de evolução (fotos n.ºs. 3, 4 e 5).

Para quem transpõe o divisor Tietê-Paraíba, na região de Santa Isabel, o único acidente de maior expressão na topografia é o morro do Retiro (950 m). Trata-se de um morro-espigão, de dorso alongado, que se orienta de SW para NE, e que é laterado de ambos os lados por vales de perfis transversais muito acentuados, correspondentes a ribeirões que afluem diretamente para o Jaguarí, afluente da margem esquerda do médio vale superior do Paraíba do Sul. Nessa região, não mais se avistam planícies aluviais comparáveis em largura às do Tietê e seus afluentes principais, pelo contrário, as várzeas se reduzem muito, ora se dispendo em alvéolos ou compartimentos sinuosos e estreitos no fundo dos vales, ora desaparecendo por completo nas pequenas gargantas, onde o V dos vales é mais fechado. A diferença entre o topo dos morros e o fundo dos vales chega a atingir 250 metros nas proximidades do morro do Retiro, decaindo logo, para pouco mais de 100, à medida que nos aproximamos de Santa Isabel. Dominam, na região divisora Paraíba-Tietê, granitos porfiróides resistentes; enquanto que, entre Santa Isabel e Igaratá, imperam gnaisses fitados leucocráticos.

As paisagens rurais e as técnicas agrícolas imperantes no município de Santa Isabel, na vertente do Paraíba (bacia do Jaguarí), guardam muito das tradições agrárias caboclas. Desaparecidas quase que por completo as lavouras permanentes, de tipo *plantação*, representadas pela cultura caféeira, voltaram a dominar as culturas *itinerantes* do milho, do feijão, da cana de açúcar e da mandioca. De fato, não raro, grandes quadras de milho, feijão ou mandioca, deixam o traço da sua presença nas contra-encostas arredondadas, apesar da descontinuidade das roças e da porcentagem ínfima da área efetivamente ocupada (fotos n.ºs. 4 e 5). Os canaviais se destacam na paisagem pelo seu tom de verde mais claro, contrastando com a tonalidade mais escura e menos saliente das plantações de feijão e mandioca. Os milharais, ora verdes, ora em ramas secas e quebradas, são outros tantos elementos que durante o ano todo, de uma forma ou de outra, estão sempre na paisagem rural regional. O pano de fundo disso tudo, porém — o quadro de paisagem rigorosamente dominante para extensas áreas de Santa Isabel e Igaratá, é a cobertura de capoeiras e capoeirões, nos mais diversos estágios de reconstrução florestal que se possa imaginar.

A região de Santa Isabel está vivendo o seu ciclo do carvão vegetal e reflete esse fato na sua paisagem (fotos n.ºs. 3, 4, 5 e 8).



Foto n.º 5.

Paisagem das culturas itinerantes de milho, feijão e mandioca, nos flancos do morro do Retiro. As quadras das plantações distribuem-se irregularmente, desde os sopés dos morros até às proximidades do espigão. Por todos os lados, em torno das plantações, vêem-se capoeiras em reconstrução. Notam-se, também, cicatrizes de culturas mais antigas, hoje invadidas pelo mato. Em alguns pontos, à meia-encosta, vêem-se grandes matações graníticos encravados no manto de decomposição que envolve a superfície dos morros. (Foto do autor. — Jan. de 1951).

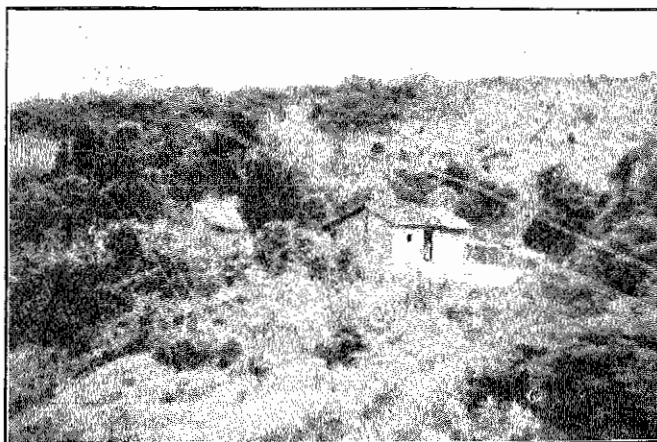


Foto n.º 6.

"Habitat" caboclo no vale do Tevó, à margem do trecho de rodovia Arujó-Santa Isabel. As rústicas casas de pau-à-pique, com seu paiol ao lado e seu terreiro limpinho, situam-se nas proximidades da estrada em colinas ou encostas suaves, correspondentes a ombros de erosão. É bem esse o caso da moradia de agregados focalizada na fotografia. (Foto do autor — Jan.º de 1951).



Foto n.º 7.

Paisagem de campos de cultura dos arredores de Santa Isabel. Porções de grandes fazendas arrendadas pelo sistema de "meieiros". Excepcional desenvolvimento das quadras de cultivo, desde o fundo do vale até os altos do morro. Note-se a facilidade com que a erosão deve estragar os solos de tais campos de cultura situados em encostas íngremes, expostas. (Foto do autor. — Out.º de 1948).



Foto n.º 8.

Paisagens rurais típicas de Santa Isabel: culturas na primeira e segunda seções dos morros; capoeirões ao alto, estendendo-se por grandes espaços. Note-se ao fundo do vale, à direita, o leito da rodovia que demanda Igaratá. (Foto do autor. — Dez.º de 1948).

É uma constante a presença de manchas irregulares de capoeiras e capoeirões recobrando a maior parte dos morros regionais. Ora são meros topetes de matas em vias de reconstrução completa, que revestem a cuneada arredondada do tópo dos morros. Ora, são extensas cabeleiras, mal aparadas, de capoeiras ralas, que se estendem sinuosamente pelo costado dos espigões amorreados. Nota-se muitas vezes desigualdades na densidade da folhagem, fato que atesta uma certa rotatividade para o corte da madeira. Algumas vêzes, as pequenas cicatrizes de capoeiras mais ralas, existentes no costado dos morros, marcam apenas o sítio onde foram feitas "roças" em tempo relativamente recente. Mais do que em qualquer outra parte, as culturas dessa região, podem ser consideradas *itinerantes*. Associou-se aí a economia florestal à agricultura cabocla, que se aproveita das áreas onde houve desmatamento recente. Por se tratar de culturas de proporções ínfimas e, geralmente, insuladas no meio de vastas extensões de capoeiras, elas não são prejudiciais aos solos, não influyendo negativamente na reconstrução futura dos novos tratos de matas.

Só muito raramente o observador encontrará, desde o vale até o tópo dos morros, uma vegetação secundária mais cerrada. Antes que a reconstrução da floresta se complete, os proprietários se encarregam de transformar a paisagem, iniciando as derrubadas para a fabricação do carvão. Reservam-se porções de matas para a venda nos períodos de melhor preço.

Obtivemos informações curiosas a respeito do ritmo de reconstrução das matas na região. As capoeiras ralas levam de dois a três anos para aparecerem, após a derrubada ou o abandono das quadras de cultivo. Os capoeirões, com aparência de mata secundária, só aparecem após 15 ou 20 anos de descanso da terra. Calcula-se o período de 80 anos para uma reconstrução absoluta da mata virgem, semelhante às que outrora recobriam toda a região. Dados somente válidos em relação às regiões onde domina, por grandes áreas, a economia florestal.

A paisagem dos morros que enquadram o sítio de Santa Isabel, propriamente dito, diferem muito dos quadros que vimos de descrever. De fato, o observador que, da pequena cidade encravada no vale, sondar o horizonte dos morros que a ladeiam, tem a impressão de estar em qualquer área serrana típica do vale do Paraíba, onde a paisagem de pastos magros sucedeu às áreas que asilaram até há pouco tempo extensos cafezais. Para completar ainda mais a semelhança com a paisagem dos pastos típicos do vale do Paraíba, não faltam os bambuais, alinhados no costado redondo dos morros, marcando divisas atuais ou antigas entre as propriedades. Sabemos que essas plantações de bambús, em alinhamentos cuidadosos

— ora acompanhando o tópo dos espigões, ora subindo do vale até a cumeada redonda dos morros, para se entroncar com outros tantos bambuais — constituem um traço marcante da paisagem rural que se delineou após a decadência do ciclo do café nas regiões serranas de toda a bacia do Paraíba. A degradação dos solos, nessas áreas de antigos cafezais, posteriormente cortados e transformados em pastos, foi extremamente grande. A falta de terraceamento e outros cuidados contra a erosão facilitou a lavagem e lixiviação dos solos, implicando em paisagens desoladas e improdutivas. As formas arredondadas das encostas e flancos dos morros, muito tiveram a ver com a degradação dos solos, porque facilitaram a retirada dos sais minerais e do ácido húmico que sustentavam as primeiras culturas. Disso tudo resulta que, hoje, vêem-se muitos pastos nos arredores da cidadezinha, mas não se observa quase nenhum gado. Há absoluta disparidade entre a porcentagem de terras e a porcentagem de gado bovino na região. Notamos que, muitas vezes, os pastos que sustentam o pequeno rebanho de gado leiteiro da região não eram os que tão salientemente dominavam na paisagem. De tal modo isso é válido, que os proprietários de terras nos arredores da cidade estão iniciando vastas plantações de eucaliptos, na área dos antigos pastos, afim de aproveitar de alguma forma suas terras (foto n.º 9).

As pequenas quadras de culturas tropicais brasileiras, que são plantadas nas áreas de matas derrubadas, ocupam preferencialmente a primeira e segunda seção dos morros (foto n.º 4). Os altos dos mesmos, quase sempre, restam cobertos por vegetação florestal secundária. Só muito excepcionalmente, as áreas cultivadas com cana e milho tomam maior expressão, chegando a atingir uma encosta toda, desde o vale até o tópo do espigão, fato dos mais perigosos para a degradação do solo, dada a absoluta falta de prevenção contra a erosão (foto n.º 7). Na região que medeia Santa Isabel e Igaratá, a área reservada para culturas alcança, às vezes, até 2/3 da superfície das encostas, sendo completadas, no alto, por capoeiras irregulares ou extensas cabeleiras de capoeirões. O "habitat", porém, está sempre localizado no fundo dos vales, em terraços e patamares inferiores das encostas como veremos.

Distribuição do povoamento e "habitat" rural no município de Santa Isabel. — Na região de Santa Isabel, há absoluta ligação entre o povoamento e os vales. À medida que o observador se afasta dos subúrbios orientais de São Paulo, onde o sítio preferido para a localização das moradias é o das colinas, processa-se uma inversão nítida nas preferências de local, para a construção das mesmas. As funções diferentes a quem se destinam o "habitat"

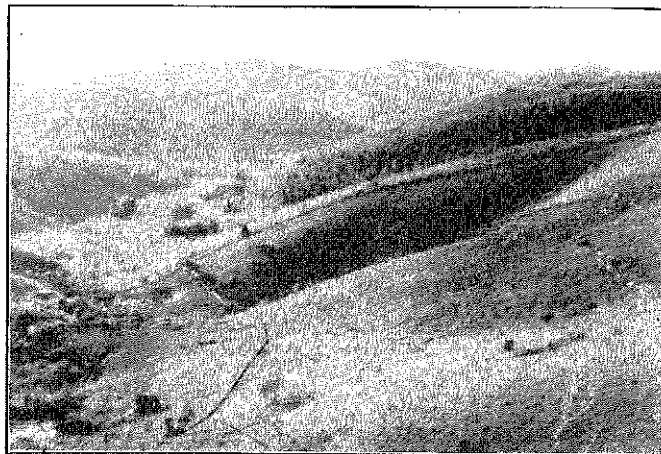


Foto n.º 9.

Paisagem característica da região do município de Santa Isabel: morros de formas melenares suavizadas, pastos, capoeiras, algumas culturas de encostas, várzeas abandonadas, eucaliptais em invasão. (Foto do autor. — Jan.º de 1949).

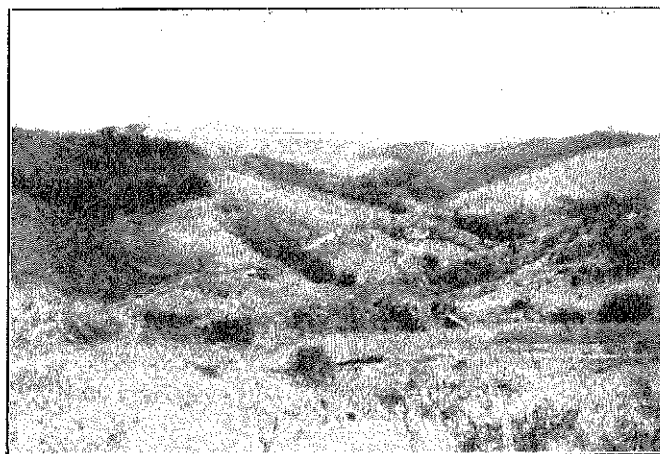


Foto n.º 10.

Paisagem rural dos vales que demandam o sítio de Santa Isabel. Pastos, capoeiras, culturas itinerantes nas encostas baixas. Várzeas abandonadas. (Foto do autor — Out.º de 1948)



Foto n.º 11.

Morros arredondados, capoeiras, pastos, terraços esbatidos, técnicas de agricultura "itinerante"; o grande saldo das paisagens rurais da região de Santa Isabel. Zona intermediária entre Santa Isabel e Igaratá. (Foto do autor — Out.º de 1948).

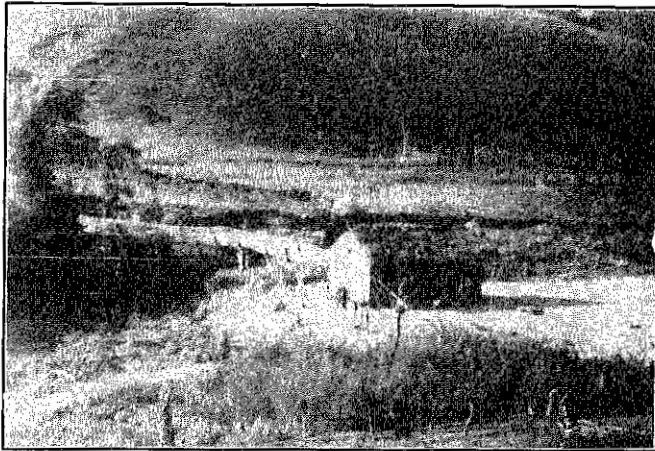


Foto n.º 12.

Casas do agregados do vale do Jaguari, construída nos baixos terraços da parte central da calha do vale. Ponte de troncos e taquaras na forma de "pinguela" com rústicos anteparos laterais em V. (Foto do autor. — Out.º de 1948).

rural e as formas de relêvo peculiares às *regiões serranas*, justificam em grande parte o fato. Mas é sem dúvida a presença de vias de circulação naturais, no eixo dos vales principais, que justificam a concentração do povoamento e a fixação do "habitat". Quanto mais movimentadas as formas de relêvo e menor o número de vales, maior a função dos mesmos como vias de passagem naturais e mais intensa a concentração linear dos diversos tipos de "habitat". Desta maneira, algumas poucas viagens pelos caminhos regionais nos permitem formar uma idéia aceitável, dos mais diversos tipos de "habitat" rural da região. Já fizemos referências aos pormenores do povoamento no vale do Perová, entre Itaquá e Arujá, área que está sendo capturada pelos subúrbios orientais da metrópole. Tratando-se, porém, de uma área em vias de se tornar *subúrbio*, não a julgamos útil para estudos de "habitat" rural, tal a variedade de atividades que os subúrbios possuem e fomentam. Assim sendo, procuraremos dar uma idéia do problema em relação às regiões serranas típicas do município, correspondentes às áreas de Santa Isabel e Igaratá (vertente do vale do Paraíba, bacia do Jaguarí).

Vimos que na vertente do Tietê, de modo geral o "habitat" se liga às várzeas enxutas e aos flancos suaves dos outeiros cristalinos. Na vertente do Paraíba, onde as várzeas são estreitas e estranguladas em compartimentos, ao longo dos vales, o povoamento liga-se às porções enxutas, mais elevadas, correspondentes aos terraços, ombros de erosão e patamares baixos dos morros. Desta forma, casinholas de agregados, sítios, fazendolas, grupos de casas de beira de estrada, depósitos de carvão, velhas e novas sedes de fazenda, situam-se nos terraços fluviais e flancos baixos dos morros, acompanhando a um tempo a estrada e o eixo geral do vale. A principal faixa longitudinal de concentração do povoamento liga-se aos vales dos ribeirões Tevó, Araraquara e Jaguarí, que são seguidos pela rodovia entre Arujá e Igaratá.

Entre Santa Isabel e Igaratá, só existem dois tipos de "habitat" relíquias, um dos quais bastante modificado em suas antigas funções. Referimo-nos às velhas *fazendas de café* do século passado e aos *engenhos de aguardente*, que sempre caracterizaram a economia rural regional.

Ainda hoje podem ser vistos, nas áreas rurais de Santa Isabel, os restos das antigas fazendas de café, estabelecidas, na região, entre 1840 e 1890. A decadência do caféiro se processou de Santa Isabel para Igaratá, de tal forma que hoje é muito mais fácil encontrar-se relíquias do "habitat" e das culturas, naquela região, que na área central do município. Visitamos a antiga área caféira de Igaratá e ficamos estupefatos com a extraordinária decadência que envolveu o produto e o quadro de "habitat" rural, a êle ligado no

passado. Vimos casarões de fazenda, ocupadas por fazendeiros completamente "acaipirados", onde tudo denotava os sinais profundos da decadência econômica e cultural. O interior das velhas e sólidas casas-grandes, mais pareciam ranchos ou mesmo estrebarias rústicas, que moradas de fazendeiros. Hoje cuidam-se, ali, dos problemas de lenha e carvão, assim como de algum gado para a obtenção de leite. Arrendam-se terras para culturas, a 20 ou 30%. Faz-se alguma indústria doméstica de subsistência. Apenas uma vez por ano, organiza-se uma viagem para a Capela da Senhora Aparecida, um dos poucos lugares do Brasil conhecidos pela grande maioria dos habitantes da região.

Uma das sedes de fazenda, construídas durante o período áureo do café na região, é hoje moradia de um pequeno senhor de engenho. Na fazenda não se vê nada das atividades econômicas de outrora. No engenho trabalham apenas o proprietário atual das terras e dois filhos. Só utilizam camaradas para os trabalhos das plantações de cana. Muito excepcionalmente, plantam-se milho, feijão e mandioca, para atender às necessidades domésticas. Como relíquias dos antigos cafezais vimos apenas alguns pés da rubiácea preciosa, dispersas pelos quintais dos engenhos e casas de agregados.

Os pequenos engenhos constituem o tipo de "habitat" mais característico e estável da região de Santa Isabel (Fotos n.os. 13, 14 e 16). Foram eles, aliás, os únicos tipos de "habitat" rural da região que não desapareceram e nem perderam suas funções. Nas mais variadas regiões do município, eles estão presentes na paisagem. Geralmente constituem o núcleo de sítios e pequenas fazendas. Os elementos básicos do "habitat" são os ranchos da moenda e do alambique, a moradia dos proprietários, uma ou outra casa de agregados, um pequeno pasto para os muares e, em tórno, canaviais em quadras descontínuas cobrindo clareiras abertas no meio das encostas recobertas por capoeiras.

Há uma certa relação entre o tipo de engenho e o local escolhido para sua instalação. Os engenhos, cujas moendas são movidas por muares, não necessitam de local muito especial. Requerem apenas um espaço plano para a construção do rancho, onde o muar deve movimentar a alavanca da moenda, girando continuamente no interior do rancho. Em terreno de nível inferior, contíguo ao primeiro rancho, situa-se um segundo compartimento destinado ao alambique. Ao contrário, os engenhos movidos à roda d'água, necessitam de um local próximo a um riacho, preferivelmente encachoeirado. Por essa razão mesma, nem sempre o sítio ideal para a construção do engenho é preferido para a construção da moradia do proprietário. Daí haver, nesses casos, uma dissociação ligeira dos diversos elementos que compõem o quadro geral do "habitat" rural.



Foto n.º 13.
Eugenho dos arredores de Santa Isabel. A moradia e o rancho do engenho. (Foto do autor — Out.º de 1948).



Foto n.º 14.
O rancho da moenda movida a animal. (Foto do autor — Out.º de 1948).

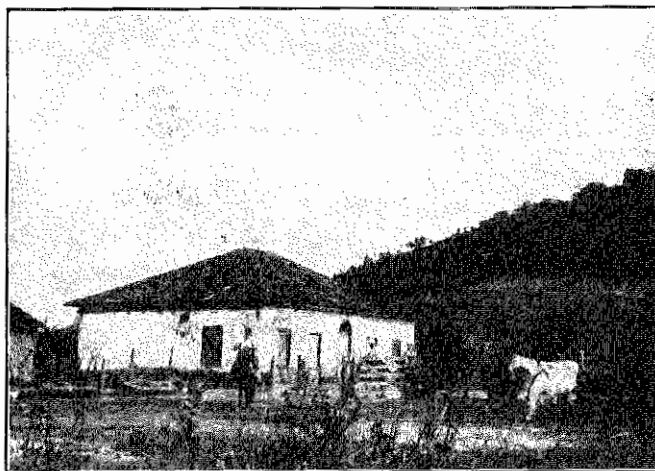


Foto n.º 15

Paisagem de uma velha sede de fazenda de café. Casarão arruinado de uma propriedade rural que perdeu totalmente suas funções antigas. Atualmente a grande habitação serve de moradia a um pequeno proprietário de engenho de aguardente. Bairro do Morro Grande. (Foto do autor — Set. de 1948).

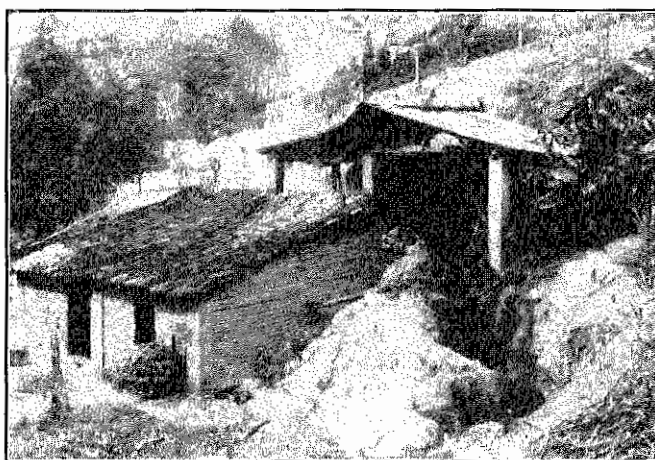


Foto n.º 16

Engenho de aguardente movido a roda d'água. — Trata-se do engenho correspondente à propriedade rural acima retratada. O sítio escolhido para a localização da engenhooca é uma espécie de grotão situado na raiz de um vale afluente do Paratet, local relativamente distante da moradia dos proprietários. A necessidade de obtenção d'água para a movimentação do engenho, obriga, às vezes, a separações desse tipo, entre o local de moradia e o local de trabalho. (Foto do autor — Set. de 1948).

Exceção feita dêsses tipos de "habitat", tradicionais da região, impera grande variedade de tipos adventícios recentes, cuja estrutura nada tem de funcional aos novos tipos de economia rural dominante na região. Referir-nos particularmente ao grande número de sítios e fazendolas dotadas de residências modernas, que têm sido estabelecidas na região, nos últimos lustros. Santa Isabel, como outras regiões não muito distantes de São Paulo, tem sofrido a invasão dos sítios e casas de campo, de diminutas funções rurais.

Um tipo de "habitat" que não sofreu grandes variações, apesar de todas as transformações que se vêm processando na região, é a modesta moradia cabocla (foto n.º 6). As casas de pau-a-pique, com sua cobertura de sapé ou de telhas, ainda é comum em todos os recantos da região. Elas constituem o "habitat" do agregado ou do sitiante muito pobre. Existem às dezenas, dispersas pelas propriedades rurais de maior vulto, servindo aos camaradas, meieiros ou arrendatários, que gravitam em tórno dos sítios e fazendas regionais. Como sempre, se caracterizam pela falta de iniciativa quase que absoluta de seus moradores, em relação a melhorias e acréscimos úteis. Geralmente são constituídas pela pequenina residência, mais um quintal de terra socada que a circunda. Algumas vêzes possuem, a um canto do quintal, um galinheiro despovoado e um pequeno paiol soerguido sôbre estacas. Muito raramente possuem chiqueiro, em um nível mais baixo do terreno. Uma ou outra bananeira ou laranjeira, completa o singelo quadro do "habitat".

Ao "habitat" rural criado pelos camponêses japoneses que residem na região dedicaremos algumas observações especiais.

O "habitat" rural dos japoneses de Santa Isabel; seus elementos e seu exemplo. — Mais de meia centena de famílias japonesas habitam a região de Santa Isabel, explorando terras próprias ou arrendadas. Suas propriedades, em geral pequenas, variam entre 1 e 60 alqueires.

Data de 1922 a vinda do primeiro colono japonês para a região (área de Arujá). Os sucessos econômicos das primeiras famílias e a evolução da região, forçada pela abertura da rodovia São Paulo-Igaratá, determinou a vinda de novos agricultores orientais para a região. A guerra arrefeceu o movimento de compra de terras por parte dos japoneses, favorecendo apenas as atividades de horticultura em terras arrendadas. Os acontecimentos desagradáveis que se processaram nas regiões pioneiras, devido às perseguições terroristas (tais como os morticínios de Bastos), ocasionaram a imigração de muitas famílias japonesas para a região de Santa Isabel (área de Arujá), nos últimos tempos. As famílias recém-chegadas trabalham, a princípio, como agregadas de seus patrícios ou parentes ou

como arrendatários. A maioria, porém, almeja comprar terras e organizar seus sítio se granjas, nos moldes dominantes na região.

Durante o período da Segunda Grande-Guerra, os japoneses da região não podiam comprar terras nem caminhões. Hoje adquirem ambas as coisas, libertando-se um tanto mais da "Cooperativa Agrícola de Cotia" e conseguindo colocar parte de sua produção diretamente nos mercados consumidores. Desta forma, os ativos colonos orientais de Arujá e Santa Isabel estão passando gradativamente de arrendatários a pequenos e médios proprietários.

Os arrendatários japoneses, em início de vida, possuem um "habitat" rural adaptado às condições de temporariedade das atividades que estão exercendo.

Uma várzea abandonada, brejosa e recoberta de capoeiras, ladeada por algumas encostas suaves, somando em conjunto 2 ou 3 alqueires, é o quadro pequenino onde a família toda dos arrendatários vai atual. De lodaçais fazem jardins à custa de uma série de cuidados e técnicas delicadas. Não interessa muito o espaço, nem a relativa pobreza dos solos (3). Interessa o arranjo do espaço e a correção da terra pelos adubos e pela irrigação racional. O emprêgo de técnicas minuciosas aos poucos vai criando uma paisagem agrícola de jardinagem, extremamente agradável à vista pelo seu arranjo geométrico e variedade de corês e tons. Surgem canteiros os mais diversos, dispostos em patamares de níveis ligeiramente desiguais, traçados com um cuidado e uma geometria especiais. Visitando uma dessas pequenas propriedades de sítiantes nipônicos, vêem-se pequenos canaletes de irrigação, muretas e pequenos diques, pontes de tábuas por todo canto, tinas d'água aqui e acolá, irrigadores, etc.. Nas grandes quadras destinadas aos tomateiros, observam-se centenas de taquaras simetricamente entrecruzadas, constituindo as armações para os galhos das plantas. Fora da planície, nas encostas suaves, dominam algumas culturas anuais.

Além do campo de cultura, quando muito constroem-se os elementos essenciais para moradia e armazenamento de seus produtos e ferramentas. A moradia do arrendatário é rústica, diferindo da dos caboclos regionais, apenas no plano e aspectos internos. O celeiro é geralmente constituído por um comprido rancho de barrote, coberto de sapê. Possuem falsas janelas para ventilação, em certos pontos da parede onde não se fez barreamento. Aí, são guardados os legumes, ferramentas, carroças, charretes e caixas de todos os tipos. Ao lado da moradia e do celeiro, um terceiro elemento do "habitat" é o galinheiro, que garante adubo orgânico e rendas complementares em aves e ovos.

(3) As várzeas, correspondentes às planícies de inundação do alto Tietê, possuem, superficialmente, uma espessa cobertura de turfa que encobre depósitos arenosos; a fertilidade do solo, porém, é muito relativa, dependendo de correção e técnicas adotadas.

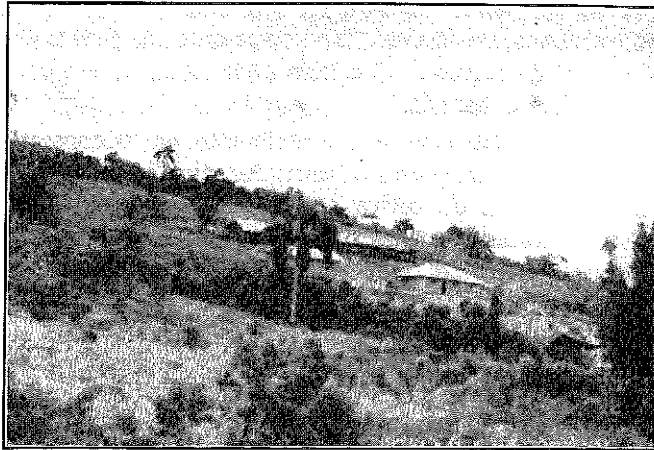


Foto n.º 17.
Sítio de japoneses, a 2 km após Arujá. Plantações de encostas. Grandes aviários em fase inicial de construção. (Foto do autor — Jan.º de 1951.)

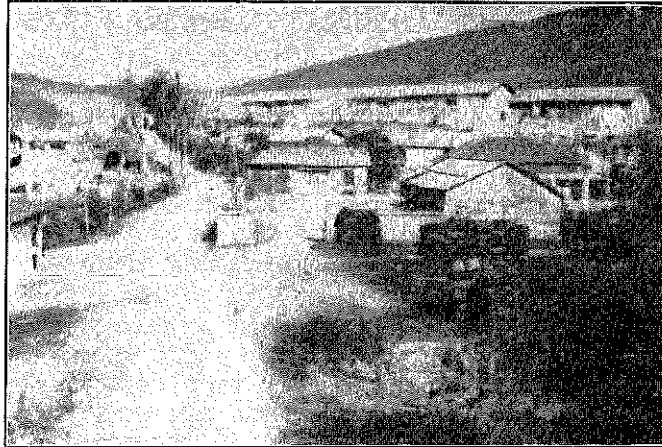


Foto n.º 18.
Fazenda de japoneses no bairro do Tevô (Arujá), denotando as mais variadas atividades rurais peculiares aos sítiantes japoneses e aos tipos de economia dominantes na região. Grande extensão de culturas de encostas. (Foto do autor — Set.º de 1948).

Muito importante é o arranjo que se procura dar aos diversos elementos do "habitat". A moradia e o aviário quase sempre permanecem próximos um do outro, em contra-encostas suaves que dominam os campos de cultura. O celeiro pode situar-se um pouco mais distante, próximo à estrada.

A agricultura intensiva e a contribuição da "Cooperativa" em matéria de adubos, transportes e instruções, auxiliam muito os arrendatários. As formas do relevo e a natureza dos solos dominantes na maioria de nossas pequenas planícies aluviais, mais a presença de águas perenes facilmente redistribuíveis, são outros tantos fatores de sucesso. Acima de tudo, porém, pesam as tradições agrárias delicadas e eficientes dos camponeses orientais, assim como sua consciência de imigrantes que necessitam vencer no ambiente novo que escolheram. Para o agricultor japonês arrendatário, não há dias de descanso. O estado e necessidades das plantações ditam os cuidados maiores e menores requeridos. Não há calendário de feriados, como não há calendário agrícola rígido. Planta-se aquilo que pode oferecer melhores condições de preço pela maior procura e escassês nos mercados e feira da capital. Muitas vezes, procura-se ir de encontro ao ritmo climático, forçando a produção daquilo que os consumidores mais reclamam. O emprêgo de adubos é compensado largamente pelos altos preços alcançados na venda dos produtos.

A fisionomia do "habitat" das propriedades pertencentes a japoneses na região de Santa Isabel é bastante diferente da que vimos descrever. O arrendatário é, por excelência, um horticultor. O proprietário de terras almeja tornar-se um pequeno fazendeiro; daí o grande número de atividades que desenvolve nas terras que lhe pertencem. As culturas de várzeas deixam de imperar, alastrando-se pelas encostas suaves. Contrata-se a mão de obra assalariada para os trabalhos agrícolas. A família deixa de lidar com o barro escuro das várzeas.

As construções das pequenas fazendas pertencentes a japoneses em Santa Isabel variam muito, conforme o sítio em que são feitas e conforme as posses de seus donos. No bairro do Tevó, vimos uma propriedade que equivalia a um pequeno aglomerado rural, tal o número de elementos que comportava e a variedade de atividades ali desenvolvidas (foto n.º 18). Vimos aviários enormes e modernos, grandes celeiros, habitações modernas e espaçosas, dezenas de sacos de carvão empilhados, uma olaria própria e algumas casas de agregados em volta. Nas encostas dos morros estendiam-se plantações bem cuidadas de batatinha, feijão e milho. A mão de obra utilizada na maior parte dos trabalhos braçais, requeridos pela propriedade, era composta de brasileiros. Constatamos, em 1948, que

os japoneses da região eram os que ofereciam os melhores salários aos seus agregados (28 a 30 cruzeiros diários).

A tendência atual das propriedades japonesas da região é para adquirir o maior número de atividades rurais possíveis. Somente não vimos associação entre o cultivo e a criação de gado. Apenas existe uma mescla entre atividades agrícolas, criação de galinhas e pequenas indústrias rurais, tais como fabricação de conservas e indústrias oleiras. Os negócios de carvão e transportes têm tentado também os ativos proprietários japoneses da região, tais os lucros que têm oferecido nos últimos tempos.

Somos de opinião que os colonos japoneses de Santa Isabel encontraram a maneira mais indicada de retirar da região o que de melhor ela pode fornecer dadas as suas condições de solos, relevo e situação geográfica. Tanto nas suas relações produtivas com a terra, como na sua maneira persistente de organizar uma propriedade de economia variada, eles devem servir de exemplos para o elemento nacional da região e para os administradores responsáveis pelas precárias condições de conforto, saúde e assistência a que estão relegadas as populações pobres da região.

Paisagens e problemas de uma região. — O estudo das paisagens rurais de Santa Isabel ficaria bastante incompleto, sob o aspecto social da Geografia, caso não nos referíssemos aos principais problemas suscitados pela sua análise.

O primeiro fato que nos animamos a tocar é o da absoluta falta de proporções entre os espaços e a intensidade de ocupação do solo na região. Se tomarmos como modelo, o caso dos colonos japoneses que, em espaço reduzido de terras, conseguem uma exploração rendosa, ganhando o suficiente para a compra de terras, veremos o quanto é improdutivo e monótona a atividade dos fazendeiros e sítiantes nacionais, que nada se extraordinário fazem em suas propriedades. Dominam atualmente ali, após 140 anos de ocupação do solo, atividades econômicas extensivas e passivas, como a da lenha, o pastoreio e a agricultura itinerante, quase que de subsistência. Capoeiras, pastos e eucaliptais é o grande saldo das paisagens. Na economia geral, apenas o carvão, a aguardente e os negócios de gado têm algum valor.

Em Santa Isabel, as transformações recentes sofridas pelo meio rural, foram mais negativas que positivas, propriamente ditas, ligadas paradoxalmente à questão dos novos meios de transporte e às novas possibilidades de relações com a metrópole excessivamente próxima. O advento de criadores vindos de Minas Gerais e a instalação da economia carvoeira liquidaram com o resto das forças econômicas

das zonas rurais do município, desintegrando a economia tradicional, os gêneros de vida agrícolas e as funções antigas de "habitat" rural. Apenas os japoneses de Arujá renovaram a economia e introduziram técnicas produtivas e dignas de ser seguidas.

Está ficando cada vez para um futuro irreparavelmente *sine die* a recuperação dos homens e das terras nas regiões serranas do Brasil tropical atlântico. Desde a decadência do café, é profundo o marasmo nessas áreas. Falta cultura. Faltam ideais de conforto. Falta iniciativa. Falta cooperação e intensificação de relações sociais e econômicas. Falta assistência social e econômica por parte dos poderes públicos e, sobretudo, falta aquilo que sobra aos colonos japoneses: tradições agrárias, organização comercial, persistência no trabalho e multiplicação de atividades.

A originalidade do trabalho japonês, na região de Santa Isabel, reside na sua forma paciente de reunir um pecúlio inicial, para depois adquirir terras e organizar granjas e sítios rendosos, sem maiores sacrifícios. Muitas grandes fazendas da região, pertencentes a nacionais, não possuem forças equiparáveis às ativas pequenas propriedades pertencentes a japoneses.

Entre nós, fala-se muito em repartições de terras e nos problemas do latifúndio, como se as soluções para os nossos grandes problemas rurais estivessem apenas na fragmentação forçada e revolucionária da propriedade. Os agregados japoneses, entretanto, aqui chegam, encontram a terra inteiramente tomada e repartida e, nem por isso, deixam de se adaptar aos quadros pré-estabelecidos, arrendando solos abandonados, organizando propriedades e comprando terras. Depois, vencida a fase de sacrifícios e trabalhos árduos, transformam-se em pequenos proprietários e passam a alugar a mão de obra nacional sob padrões de vencimentos superiores aos vigentes em toda a parte. Com isso melhoram as condições de vida regionais e aumentam o volume das arrecadações de impostos. Não é necessário dar-lhes terras para que possam vencer; e nem subverter os quadros da ordem social imperante.

Ninguém poderá honestamente pretender que o nosso pacífico e humilde "jéca", pobre, inculto e depauperado, possa fazer o mesmo que os representantes das velhas tradições agrícolas do Extremo Oriente, que vieram reiniciar vida no Brasil. Decididamente, não se pode contar muito com o caboclo e nem será possível começar um trabalho direto de recuperação através dele. Mas que extraordinário progresso teríamos para as nossas regiões serranas, próximas de grandes centros, no dia em que sitiantes, grandes e pequenos fazendeiros cuidassem de multiplicar suas atividades na base de algumas das experiências japonesas! Não se trata de plantar em pastos desolados ou derrubar vastas áreas de capoeiras para transformá-las

em campos de cultura. Mas, sim, de multiplicar atividades agrárias, desenvolvendo-se granjas, aviários, olarias, culturas comercializadas de várzea e de encostas. Isso, por si só, seria capaz de enriquecer os proprietários e influir na dinâmica geral de economia regional, acarretando trabalho e melhoria de condições de vida para o agregado e comunidades rurais.

As formas de relevo dominantes em nossas regiões serranas são particularmente hostis à conservação dos solos e preservações de seus elementos orgânicos e minerais essenciais. O arredondamento das formas e o vigor das condições climáticas, nas regiões tropicais chuvosas, criam condições negativas à vida dos solos. Examinando os pastos pobres, de solos ácidos e ravinados dos arredores de Santa Isabel, vimos o quanto é grave e aparentemente irremediável essa situação. O solo foi arrasado, assim como uma boa parte do manto de decomposição. Nessas condições, a utilização do arado seria catastrófica; o mesmo se dando com o terraceamento, que somente poderia ser indicado antes da degradação dos solos e apenas para certas formas topográficas menos sujeitas à erosão. Em contrapartida, vimos encostas suaves e extensas várzeas de solos aproveitáveis, inteiramente abandonadas. Por mais que se fale em pobreza dos solos, o certo é que por todos os cantos há solos e espaços úteis para atividades as mais variadas e compensadoras. O que falta é acertar na escolha do produto e das atividades, assim como reservar e corrigir alguns tratos de terra para a prática de uma agricultura comercializada.

Ao envez de se degladiar em intermináveis rixas políticas, estereis e odiosas, administradores, donos da terra e representantes de profissões liberais, em serviço nas regiões serranas, poderiam organizar uma luta mais humana e desinteressada, visando a recuperação econômica e o auxílio mútuo. Até mesmo sacerdotes bem avisados poderiam ter o seu quinhão de influência no incentivo à produtividade e na elevação do nível de vida de nossas populações rurais. Quanta coisa útil e humana não se poderia esperar de suas prédicas autorizadas e de seus conselhos de alta penetração. Cooperativas regionais, instruções agrárias, distribuição farta e democrática de adubos, sementes e corretivos do solo, organizações de transporte, à moda da "Cooperativa Agrícola de Cotia", ainda não foram tentadas entre nós. Mas, seria isso uma utopia? Tudo indica que não. Trata-se, apenas, de uma questão de estágio de evolução social e administrativa a ser alcançado no Brasil.

De qualquer forma, achamos que as regiões serranas próximas de uma grande cidade, como é o caso de Santa Isabel, poderiam aproveitar-se mais da proximidade da capital e renovar sua vida econômica, dentro de moldes de produtividade mais efetivos.

Sabemos que o problema é, ainda uma vez, o de *como* intervir nas culturas caboclas, de um modo não revolucionário; fato que preo-

cupou sèriamente o Professor Emílio Willems, em alguns de seus trabalhos de Antropologia Cultural (4). Realmente, não é fácil modificar a estrutura de um estado de coisas que está ligado a heranças históricas e hábitos sociais e culturais profundamente arraigados. Pelo contrário, impõem-se respeitar o "stock" cultural das populações regionais, descobrindo-se fórmulas delicadas para acelerar o desenvolvimento econômico e social e elevar o nível de produtividade. Em qualquer época, será lícito pensar-se em um fomento mais ativo, científico e inteligente à economia rural e à formação da pequena propriedade. À Geografia Agrária caberá o papel de observar os fatos, captar os problemas e, quiçá, apontar algumas soluções despretenciosas e honestas.

(4) *O problema rural brasileiro do ponto de vista antropológico.* — Diretoria de Publicidade Agrícola — Secr. da Agric. do Est. de São Paulo, 1944.